



Opinião Econômica

Lorenna Hakak

Doutora em economia e professora da FGV. Atua como presidente da Gefam (Sociedade de Economia da Família e do Gênero)



A violência contra a mulher também está nas urnas

Especialistas alertam para efeitos da objetificação feminina

No início de agosto, duas pessoas encontraram uma mala contendo o que pensaram ser o corpo mutilado de uma mulher em uma cidade ao sul de Sydney, na Austrália. No dia seguinte, a polícia divulgou que o corpo era, na verdade, uma boneca sexual com hematomas falsos. Segundo a reportagem do jornal The Guardian, publicada em 29 de agosto, não se sabe por que a boneca foi descartada. Teria sido apenas uma forma de se desfazer da boneca ou a encenação de um ato de violência contra uma mulher? O episódio, porém, levanta uma questão que vai além do destino da boneca.

A reportagem encaminhada pela colega, Rosana Hermann, me ajudou a compor esta coluna. As bonecas podem ser uma re-

presentação simbólica da forma como uma parcela dos homens enxerga as mulheres: submissas e objetificadas. Uma das preocupações levantadas por pesquisadores é a possível relação entre como alguns homens tratam essas bonecas e suas atitudes em relação às mulheres. Assim, o caso da boneca mutilada remete a uma preocupação muito mais concreta: a violência contra as mulheres.

No Brasil, os casos de violência contra a mulher têm ganhado cada vez mais repercussão na mídia, tanto por sua frequência quanto pela violência exacerbada que caracteriza muitos deles. Há a sensação de que a sociedade está cada vez menos disposta a tolerar esse tipo de violência.

A legislação tem evoluído nesse sentido, especialmente desde a criação da Lei Maria da Penha. Essa mudança também se reflete na política. Em resposta ao aumento da repercussão do tema, têm aumentado as propostas e as discussões sobre ele entre os candidatos à eleição.

Nos últimos anos, em períodos pré-eleitorais, afloram discussões e até mesmo rupturas decorrentes de pensamentos cada vez mais polarizados. A violência contra a mulher, porém, é um dos poucos temas que parecem gerar consenso entre a esquerda e a direita. Nesse contexto, os candidatos, tanto ao Governo de São Paulo quanto à Presidência da República, apresentam propostas para reduzir os casos de violência

e de feminicídio. Entre elas estão a ampliação do número de delegacias da mulher e a extensão do horário de atendimento. Também aparecem a ampliação da rede de proteção às mulheres, o monitoramento eletrônico dos agressores, o confisco de seus bens e até o uso de drones. Nesse último caso, não ficou claro para mim como os drones seriam utilizados.

Apesar dos avanços na legislação e no debate político, proliferam nas redes sociais comunidades ligadas à chamada manosphere, que disseminam discursos misóginos e de objetificação das mulheres. O Congresso também discute medidas para enfrentar o problema, como o PL 896/2023, que prevê punições por crimes praticados em razão

de misoginia. Além disso, é importante que os candidatos discutam também medidas de prevenção, como ações educativas nas escolas sobre consentimento, misoginia e respeito, além da ampliação de programas de recuperação e reeducação para autores de violência doméstica.

A violência contra a mulher, em geral, não começa com agressões físicas. A objetificação das mulheres e como são representadas também fazem parte desse problema. O enfrentamento à violência contra a mulher deveria, portanto, apoiar-se em três pilares: prevenção, proteção da vítima e responsabilização dos autores da violência. Quando não é contida, a violência fere e mata mulheres.



Tá com crédito

Soluções de crédito com ótimas taxas.*
Vai investir na sua empresa? Conte com crédito Banrisul.

*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:




Endividamento segue pressionando as finanças de famílias e empresas

/ CONJUNTURA

O Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do Banco Central ressaltou, na ata de sua 66ª reunião, que o endividamento segue pressionando a condição financeira de famílias e empresas.

“Embora a maior parte das corporações demonstre resiliência, observou-se redução no número de empresas com aumento do lucro líquido, ao mesmo tempo em que aumentou o número daquelas com elevação da despesa financeira líquida”, observou o Comef, que pontuou que níveis elevados de ativos problemáticos e de probabilidade de default seguem indicando que a materialização de risco no crédito às empresas e às famílias deve permanecer elevada.

O comitê enfatizou que o endividamento das famílias permanece em patamar historicamente alto, e o comprometimento de renda atingiu o maior nível da série histórica. Esse quadro, disse, segue sendo influen-

ciado pela participação relevante de modalidades de crédito mais onerosas na composição da dívida das famílias.

“O cenário requer cautela e diligência adicionais no mercado de crédito”, frisou o Comef.

Preocupação com estruturas que envolvem múltiplas camadas de fundos de investimento

O Comef do Banco Central também afirmou, na ata de sua 66ª reunião, que permanece, no mercado de capitais, a preocupação com estruturas que envolvem múltiplas camadas de fundos de investimento e que podem dificultar a adequada avaliação de riscos.

“A organização desses fundos em cadeias com múltiplos níveis aumenta a complexidade e a opacidade na identificação e no mapeamento das exposições. Tais estruturas dificultam a avaliação e a consolidação dos riscos assumidos pelos agentes econômicos que investem nesses instrumentos”, disse o comitê.

Segundo o Comef, a preocu-



Análise consta na ata de reunião de comitê do Banco Central

pação é particularmente relevante no caso dos FIDCs, que mantiveram aceleração no trimestre, vêm ampliando sua participação no crédito amplo como forma de financiamento às empresas e mantêm conexões relevantes com instituições reguladas pelo BC, por meio da cessão de ativos e do investimento em cotas.

O Comef avaliou ainda que

desde o encontro anterior as condições financeiras globais tornaram-se marginalmente mais restritivas, enquanto persistem vulnerabilidades nas principais economias. “A liquidez global permanece elevada e tem contribuído para uma dinâmica positiva dos ativos e do apetite ao risco, inclusive em economias emergentes”, disse.

Venda de veículos sobe 22,1% em agosto

/ MERCADO AUTOMOTIVO

As vendas de veículos zero quilômetro subiram 22,1% no mês de agosto frente a igual período de 2025, chegando a 275,1 mil unidades. O número representa o melhor resultado para um mês de agosto em 13 anos. Na comparação com julho, que tinha registrado o maior volume de um mês em 12 anos, as vendas recuaram 1,6%.

O balanço foi divulgado ontem pela Fenabreve, entidade que representa as concessionárias, e engloba carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus.

Desde 2013, quando foram vendidos 329,1 mil veículos no mesmo mês, o mercado não tinha um agosto tão forte.

Agora, as vendas de veículos acumulam crescimento de 18,5% desde o início do ano, somando 1,97 milhão de unidades nos oito primeiros meses.